

ORO, ARI PEDRO; ANJOS, JOSÉ CARLOS GOMES DOS.
*A FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM PORTO
ALEGRE: SINCRETISMO ENTRE MARIA E IEMANJÁ.*
PORTO ALEGRE, SMC, 2009. 140 P.

Stella Maris Nunes Pieve¹

O livro *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: sincretismo entre Maria e Iemanjá*, de Ari Pedro Oro e José Carlos Gomes dos Anjos (2009), faz parte da Coleção Universidade Livre, editada com apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. A proposta é registrar e divulgar esse importante acontecimento na história de Porto Alegre, uma festa que congrega devotos das religiões católica e de matriz africana.

Os autores abordam as intensidades cosmográficas da procissão à Nossa dos Navegantes, seguindo humanos e não humanos e seus sinais a outras entidades na procissão. Um ponto fundamental do livro é a discussão sobre sincretismo, a Festa e devoção à Nossa Senhora dos Navegantes é um espaço sincrético de duas figuras femininas divinizadas, a Virgem Maria e Iemanjá. Além disso, apresentam os diferentes regimes de manifestação do sagrado, controvérsias e negociações entre os referidos devotos.

O trabalho de campo, que guiou a pesquisa apresentada, foi conduzido durante a procissão, 2 de fevereiro, bem como entrevistas com religiosos e leigos realizadas em momentos e espaços distintos da festa – igrejas, terreiros e espaços não-sagrados. Tomando o sincretismo como o conjunto de procedimentos de composição de mundos, os autores tratam seus interlocutores como teóricos sobre o tema, “[...] como portadores de filosofias plenas que emanam das experimentações de suas práticas [...]” (Oro; Anjos, 2009, p.9) e constroem uma pesquisa antropológica que demonstra essa composição de mundos entre a academia e o campo.

¹ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: stellapieve@gmail.com.

O livro é dividido em duas partes. A primeira delas, “Do que o cosmo é capaz?”, além de descrever o ciclo ritualístico da festa, expõe as dimensões cosmopolíticas que ali se manifestam e aborda o sincretismo na prática e na teoria. Já a segunda parte do livro, “Procissão no ‘Fundamento’ e Intensidade Afro-brasileira”, está mais voltada à perspectiva afro-religiosa e como estes devotos encadeiam seus ícones na procissão e na devoção. Para tanto, são abordadas questões relativas às controvérsias e à diplomacia entre as religiões afro-brasileiras e católica.

Ari Pedro Oro e José Carlos Gomes dos Anjos começam sua análise buscando entender o porquê de tanta intensidade na Festa de Navegantes em Porto Alegre e o que torna tão intensa essa presença, quais os ícones e eventos que religam as pessoas em torno da procissão. Para isso recorrem à dados históricos que remetem à devoção e à festa para estabelecerem possíveis relações entre Brasil, África e Portugal que desencadearam a referida festa na cidade. Utilizando-se dos conceitos de territorialização, desterritorialização e re-territorialização (Deleuze; Guattari, 1997) apontam que as grandes navegações e a colonização portuguesa abarcavam dimensões cósmicas e políticas que desencadearam um “sistema de codificação dos caminhos”, dentre eles, codificar com nomes de santos as novas terras litorâneas.

Uma vez que, nesse contexto, os ritornelos dizem respeito aos agenciamentos territoriais e as ladainhas ao processo de transcodificação, são eles que promovem a territorialização e a transcodificação da Santa, permitindo que desvinculações e outras vinculações associem Nossa Senhora dos Navegantes para além das grandes navegações portuguesas, aos sofrimentos da escravidão, à Iemanjá e às atividades pesqueiras².

Os autores compartilham a ideia de que o sincretismo “[...] é mais o resultado de um modo de encadeamento de dois regimes de existência, do que o resultado da ‘crença dos nativos’” (Anjos; Oro, 2009, p.25). Para exemplificar associam a chegada da Santa pelas águas e sua afeição pela procissão fluvial, assim como sua ida para a Igreja do Rosário, uma Igreja de africanos, “para os santos da gente de cor” (*Ibidem*, p. 25) logo no segundo

² Ritornelo e ladainha também são conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997).

ano da procissão (1872) como um importante processo de encadeamento da presença de Iemanjá.

Afro-religiosos associam ícones para compor mundos, o sincretismo é a política de composição de mundos desde que se mantenha o “fundamento”. Para Oro e Anjos (2009, p.86) o fundamento é a relação que permite “o encadeamento de ícones sagrados”. Esses ícones podem ser articulados a cadeias em processos de sacralização e remeterem-se à divindade. Ainda, o fundamento não está na ideia, mas na concretude das coisas.

O que torna as “coisas de outro mundo” lugar de presença para os afro-religiosos é a possibilidade de encadeamento a séries preexistentes. Na Festa de Navegantes, a presença é o traço comum na enunciação do sagrado, para os católicos se dá na rostificação e para os afro-religiosos nas associações iconográficas – o *ocutá* desterritorializando rostos e paisagens, o culto ao orixá e à natureza e na associação à rostificação de Nossa Senhora dos Navegantes.

Entre os conceitos de iconofilia e iconoclastia, os autores apontam diferenças, controvérsias e diplomacia nos regimes de manifestação do sagrado. Se entre os católicos, a intensidade está nas palavras, para os afro-religiosos, a intensidade se dá nas “coisas” oferecidas, nas oferendas, o modo de encadear os ícones possibilitam uma generosidade com ícones católicos, sendo Nossa Senhora dos Navegantes uma das intensidades de Iemanjá.

Todavia, também gera disputa. A partir do momento que as religiões de matriz africana aceitam outros mundos desde que estes possam ser encadeados em suas práticas, ou seja, mantenham o fundamento, passam a coisificar os ícones do Outro, enquanto para os católicos, só a palavra rege a presença, o que os permite banir – até jurídico-administrativamente – a concretude das coisas importantes para o Outro. A diplomacia se torna tensa.

A procissão fluvial e o consumo da melancia, ícones fundamentais na cosmologia dos africanistas, atualmente estão interditados. Quando a procissão deixou de ser pelas águas, esvaziou o fundamento de homenagear a Rainha das Águas e sem fundamento não há sincretismo. A falta de fundamento remete à descaracterização, ao des-encadeamento e a interdição do consumo da melancia impossibilita a sobreposição desses territórios. Ainda que haja um constante processo de apelo pela volta da procissão fluvial,

seja pelos meios formais e legais, como audiências públicas; seja por meios informais, como uma procissão paralela no dia da festa e o consumo de melancia fora dos espaços da festa.

Controvérsias também são encontradas entre os próprios africanistas em três distinções. Aqueles que negam totalmente o sincretismo, remetendo-o a um tempo de opressão, os que apresentam uma indiscernibilidade entre Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, ou seja, intimamente cultuam as duas e aqueles que reconhecem a festividade afro-religiosa.

Seguindo na esteira do sincretismo, Oro e Anjos (2009) apontam na atualidade a composição de mundos entre as religiões afro-brasileiras e o discurso ecológico militante. Uma vez que militantes ecológicos passaram a denunciar as práticas religiosas de matriz africana como não-ecológicas, estes passaram a reordenar seu regime de encadeamento mais um vez. E mantendo o fundamento as ‘forças da natureza’ se encadeiam no processo de se manifestarem como divindades que garantem sentidos sagrados e ecológicos.

Assim, uma série de componentes possibilitam a procissão do dia 2 de fevereiro, a força dos encadeamentos entre diferentes cosmovisões, a negociação de uma cosmopolítica que organiza além da festa, a cidade e os nucleamentos em torno da imagem. Neste sentido, a procissão passa a ser o cosmo para o trânsito entre agenciamentos que permitem a multiplicidade de corpos no evento, os agenciamentos entre católicos, o sincretismo religioso e o sincretismo mágico³. Os autores dedicam uma seção do livro à discussão dos conceitos de sincretismo e bricolagem para ao cabo da discussão indicarem a presença de sincretismos e sua ausência na composição da festa.

Por fim, concluem que a Festa de Navegantes é inerente à cidade de Porto Alegre, sendo parte de sua tradição e maneira de ser religiosa e ressaltam uma multiplicidade de sincretismos presentes e até o não-sincretismo historicamente construído entre a Virgem Maria e Iemanjá. Ressaltam a perda da procissão fluvial como uma falha na diplomacia de composição de mundos

³ A partir dos dois tipos de sincretismo proposto por Roger Bastide (1970). O sincretismo religioso, que opera pela lógica de correspondência, combinando hierarquias justapostas hierarquicamente, e o sincretismo mágico, que opera na lógica da acumulação e da adição, referindo-se ao acúmulo de poder simbólico ou vontade de síntese.

entre esses dois grandes regimes de manifestação do sagrado e apontam como cada vez maior a recusa do sincretismo. Todavia, os mundos se interceptam devido à iconofilia afro-brasileira que incorpora a santa ou ao catolicismo popular que se contagia da intensidade dos ícones afro-brasileiros. “[...]. É nesses regimes de diplomacia que se produz, em Porto Alegre, uma indiscernibilidade entre Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá” (Oro; Anjos, 2009, p. 131).

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. Mémoire collective et sociologie du bricolage. In: *L'Année Sociologique*, v. 21, 1970. p. 65-108.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 4, São Paulo: Editora 34, 1997.